



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
UNIDADE ACADÊMICA DE PSICOLOGIA

DANDARA VIRGÍNIA MACHADO VIEIRA

POLÍTICA E RETÓRICA:
A DISSEMINAÇÃO DO ÓDIO EM PRODUÇÕES DISCURSIVAS DE PETISTAS E
ANTIPETISTAS NA INTERNET

CAMPINA GRANDE, PB

2018

DANDARA VIRGÍNIA MACHADO VIEIRA

POLÍTICA E RETÓRICA:
A DISSEMINAÇÃO DO ÓDIO EM PRODUÇÕES DISCURSIVAS DE PETISTAS E
ANTIPETISTAS NA INTERNET

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito básico para obtenção do grau de
Psicólogo no Curso de Psicologia da
Universidade Federal de Campina Grande.

Orientador: Prof. Dr. Pedro de Oliveira Filho

Campina Grande, 2018

**Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Setorial “Tereza Brasileiro
Silva”, CCBS - UFCG**

V658p

Vieira, Dandara Virgínia Machado.

Política e Retórica: A disseminação do ódio em produções discursivas de petistas e antipetistas na internet / Dandara Virgínia Machado Vieira. – Campina Grande, PB: O autor, 2018.

21 il.: Color. f. 21 x 27,9 cm.

Orientador: Pedro de Oliveira Filho, Dr.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Universidade Federal de Campina Grande, 2018.

Inclui bibliografia.

1. Política. 2. Discurso. 3. Ódio. I. Oliveira Filho, Pedro. (Orientador). II. Título.

BSTBS/CCBS/UFCG

CDU 159.964.2 (813.3)

TERMO DE APROVAÇÃO

DANDARA VÍRGÍNIA MACHADO VIEIRA

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito básico para obtenção do grau de Psicólogo no Curso de Psicologia outorgado pela Universidade Federal de Campina Grande - PB.

APROVADO EM: 05/07/2018

BANCA EXAMINADORA:

Pedro de Oliveira Filho

Prof. Dr. Pedro de Oliveira Filho

Orientador – Unidade Acadêmica de Psicologia – Universidade Federal de Campina Grande.

Maria Valquíria Nogueira do Nascimento

Prof. Dra. Maria Valquíria Nogueira do Nascimento

Prof. da Unidade Acadêmica de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG

Aline Vieira de Lima Nunes

Prof. Dra. Aline Vieira de Lima Nunes

Prof. da Unidade Acadêmica de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG

AGRADECIMENTOS

A Deus, por sua imensa bondade e misericórdia, sem as quais eu jamais sonharia chegar ao fim desta jornada;

À minha família, em especial meus avós **Espedito Berto** e **Maria Antonieta**, minhas tias **Verônica** e **Adriana** e meu irmão **Ardilles** pelo amor e compreensão em todos os momentos destes cinco anos;

Aos meus pais, **Daniel Vieira** e **Valdenice Machado** (In Memoriam). Suas lembranças me motivam a cada dia ser melhor e lutar pelos nossos sonhos.

Aos meus **amigos** que foram amor, alegria, leveza e companhia nos caminhos que me trouxeram até aqui;

Aos padres **Haroldo Andrade Silva** e **Fabiano Melo de Oliveira** pela constante companhia, preocupação, amor e cuidado;

Aos professores do curso de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande, por meio da pessoa do meu orientador **Pedro de Oliveira Filho**, pelas valiosas orientações ao longo destes dois anos, e pelo acolhimento desde as disciplinas que tive a honra de cursar como sua aluna;

A **Renan Silva Sousa** e **Rute Celina Barros** pela indispensável colaboração na construção de conhecimentos dos quais esse trabalho é fruto;

Às grandes amigadas que construí na graduação, em especial **Hannah Carla**, **Jéssica Daniele**, **Jullyany Marques**, **Larissa Guerra**, **Priscila Gomes de Oliveira**, **Vinicius Lima**, **Renan Silva**, **Geyza Mércia**, **Wanessa Ribeiro** e **Sania Maria** pelos inúmeros momentos divididos aos quais eu nem tenho palavras para nomear a importância;

À Prefeitura Municipal de Cuité, na pessoa do motorista **Hildimar Fialho**, por me trazer e levar em segurança para minha casa todas as vezes em que precisei;

As professoras **Aline Vieira de Lima Nunes** e **Maria Valquíria Nogueira do Nascimento** por aceitarem compor esta banca e contribuir com meu trabalho;

Ao **CNPQ** pelo financiamento do qual essa pesquisa é resultado;

Por fim, termino esta jornada com as palavras com as quais comecei: **Honra, glória, louvor e gratidão aos Sagrados Corações de Jesus e Maria.**

RESUMO

A partir das eleições presidenciais de 2014, o Brasil é palco de um acirramento inédito do conflito entre esquerda e direita. O presente trabalho objetivou compreender os processos que possibilitam a construção e a circulação do ódio em relatos de simpatizantes e militantes do petismo e do antipetismo na internet. Foram analisados, a partir do método de análise de discurso desenvolvido por teóricos da psicologia social discursiva, os comentários produzidos em resposta às postagens do blog do jornalista Reinaldo Azevedo e do site “Conversa Afiada” do jornalista Paulo Henrique Amorim. O primeiro é frequentado por militantes e simpatizantes da direita. O segundo é frequentado por militantes e simpatizantes do partido dos trabalhadores. Foi possível identificar três estratégias discursivas de intensificação e disseminação do ódio. Em alguns momentos o outro é uma doença, em outros o outro é um coletivo formado por indivíduos doentes em termos psicológicos e em outros é o representante de um mal sobrenatural. No vocabulário dos antipetistas é bem mais recorrente o uso de enunciados que advogam o impedimento da ação política do adversário, seja pela segregação, seja pela eliminação pura e simples. A violência retórica dos militantes de direita é um dado empírico que apoia a tese da existência de uma polarização assimétrica na política brasileira atual, que se manifesta na posição intransigente e inegociável da direita brasileira, por um lado, e na contemporização dos grupos de esquerda, por outro lado.

Palavras-chave: Política; Discurso; Ódio.

ABSTRACT

Since the presidential election of 2014, Brazil is staging an unprecedented worsening of the conflict between left-wing and right-wing. The purpose of the present work was to understand the processes that allow the building and circulation of hatred in the discourse of supporters and militants of “*petismo*” and “*antipetismo*” on the internet. It were analyzed, based on the discourse analysis method developed by social psychology theorists, the comments produced as a response to the posts of the journalist Reinaldo Azevedo’s blog, and the site called “*Conversa Afiada*”, of the journalist Paulo Henrique Amorim. The first is followed by right-wing militants and supporters. The second is followed by militants and supporters of the workers party. It was possible to identify three discursive strategies of intensification and dissemination of hatred. In some moments, the other is a disease; in other moments, the other is a collective formed by sick individuals, in psychological terms; and also, in other moments, the other is the representative of a supernatural evil. In the vocabulary of the “*antipetistas*” it is more recurrent the use of statements advocating the obstruction of the adversary political action, by segregation or by pure and simple elimination. The rhetoric violence of the right-wing militants is an empirical data that supports the thesis of the existence of an asymmetrical polarization in the current Brazilian politics, which is manifested, in one hand, in the intransigent and non-negotiable standing of the Brazilian right-wing, and, on the other hand, on the temporization of the left-wing groups.

Keywords: Policy; Discourse; Hatred

INTRODUÇÃO

O Brasil vive desde o final do ano de 2014 um dos momentos de maior polarização política de sua história. Desde os grandes movimentos de classe média nos anos 60 que impulsionaram o golpe militar que derrubou o governo de João Goulart não se viam no Brasil manifestações em que o pensamento conservador se posicionasse no espaço público de maneira tão agressiva. Essa agressividade tem se manifestado nas ruas, como também na Internet. No que diz respeito às manifestações da direita antipetista na internet, alguns autores como Brugnago e Chaia (2015, p. 126) afirmam que houve um “crescimento dessa massa radicalizada conservadora, a partir do momento em que as pessoas passaram a utilizar a Internet como seu principal meio de discussão política”.

Já trabalho de Santos (2014) que investigou a rede de oposição radical ao petismo no facebook identificou as seguintes características nesses grupos: eles se organizam de forma fragmentária e descentralizada; sua retórica busca produzir revolta e frustração e adota um tom de cinismo ao descrever a corrupção do governo petista e de sua base aliada.

Nesse contexto de polarização, o “radicalismo conservador da direita adquiriu elementos de ódio” (BRUGNAGO; CHAIA, 2015, p. 102), e a difusão do ódio tem um aspecto instrumental evidente: é extremamente eficaz quando se trata de recrutar membros para movimentos sociais e mobilizar esses movimentos contra aqueles que são representados por eles como inimigos políticos (MARTINEZ JUNIOR; SELEPAK, 2014). Mas o ódio não circula somente no campo do antipetismo. Uma rápida olhada para os sites e blogs da internet frequentados por petistas e para as conversas cotidianas de pessoas ligadas de alguma forma ao petismo evidencia que afetos como ódio, rancor e raiva estão super-representados.

Em entrevista, o filósofo Paulo Eduardo Arantes (2014) afirma que a nova direita brasileira estaria seguindo os passos da direita norte-americana; seria uma direita diretamente financiada pelas grandes corporações que pode se dar ao luxo de ter posições nítidas, inegociáveis, intransigentes. Uma direita que “parte para cima tornando difícil qualquer mudança de *status quo*” (p. 14). Ele utiliza o termo “polarização assimétrica” para denominar essa relação entre uma direita “sem freios” e uma esquerda que tenta “contemporizar”.

Mas há indícios claros de que o PT e setores da esquerda não querem mais contemporizar. Pode-se citar uma infinidade de artigos em jornais, blogs e sites alinhados com o pensamento de esquerda que passaram a tratar os grupos e partidos de direita não mais como adversários, mas como inimigos. Uma frase de um deles resume muito bem todo o clima de

ódio que tomou conta do país nesses últimos quatro anos. Quando o ator petista José de Abreu foi agredido verbalmente em um restaurante e revidou com uma cusparada, o blogueiro petista Paulo Nogueira (2016) resumiu assim a situação e o ânimo dos petistas: “Agora, é ódio contra ódio”.

Os afetos têm um papel central na vida social e na vida política, como afirma Ahmed (2004, apud WETHERELL, 2012), os afetos não têm residência. Não são propriedades de indivíduos pré-existentes ou fixados; eles circulam os corpos individuais e coletivos. Falando especificamente sobre o ódio, ela afirma que quando alguém se move no fluxo do ódio ele é moldado de várias maneiras. Torna-se o acusador, o agente moral repleto de indignação, etc. Da mesma forma, o objeto do ódio não é inerentemente odiado; é a presença do ódio em alguém que materializa outra pessoa como odiada.

Este trabalho é guiado pela perspectiva teórico-metodológica da Psicologia Social Discursiva (BILLIG, 1987, 1991; POTTER; WETHERELL, 1987; WETHERELL; POTTER, 1992; POTTER, 1998; EDWARDS, 1999; WETHERELL, 2012), perspectiva teórico-metodológica que dispensa uma atenção especial ao papel do discurso na construção da vida social.

No que diz respeito ao estudo da relação entre discurso e afeto, Margareth Wetherell destaca-se nesse grupo de pesquisadores por suas pesquisas inovadoras, com foco especial no papel dos afetos nos processos políticos. Segundo Wetherell (2012, p. 20), os argumentos acerca da conexão direta entre o social e o somático são radicalmente enganadoras. Nesse sentido, os processos sociais dos quais os indivíduos participam não mobilizam seus afetos diretamente de maneira não mediada. Os afetos humanos são inextricavelmente ligados à produção de sentido. Diferentemente daqueles que acham que o discurso domestica o afeto (como se o fato de ele ter que ser representado, mediado pela linguagem, diminuísse sua intensidade), Wetherell (2012) afirma que é o discursivo que frequentemente torna o afeto poderoso, radical, fornecendo os meios para a sua propagação. Para essa autora, como se pode notar, a relação entre os afetos e o sentido não é uma relação entre uma força irracional, primitiva, situada no corpo e um discurso que a torna racional. O discurso pode aumentar a força e a violência dos afetos.

Wetherell (2012) denomina de ações afetivo-discursivas essas ações em que os afetos apresentam-se e difundem-se por meio de práticas de produção de sentido. Qual a natureza dessas práticas? Como se apresentam em termos discursivos? A maneira mais óbvia é o uso de “categorias emocionais” (EDWARDS, 1999, p. 279). Para esse autor, termos como “raiva”, “surpresa”, “medo” (em expressões como “eu estou com raiva”, “ela está com medo”, etc.)

seriam categorias desse tipo. Esses atos de categorização também poderiam ser formulados por meio de expressões metafóricas como: “eu estava fervendo”. Para esse autor (2012), as categorias emocionais não são simplesmente sentimentos ou expressões individuais, nem devem ser reduzidas a meras cognições sobre estados mentais.

Edwards (1999) destaca acertadamente que o uso das categorias emocionais são ações sociais realizadas por meio de textos e falas. De fato, se eu digo que “estou revoltado com esses políticos corruptos”, eu produzo a mim mesmo como alguém justificadamente indignado e produzo os políticos como um grupo que deve ser combatido, atacado. Da mesma forma, se eu digo que “os comunistas me odeiam porque eu sou um amante da liberdade”, eu me represento como uma vítima em potencial do ódio dos comunistas e os represento como um grupo de pessoas que devem ser combatidas, derrotadas.

Mas há outras maneiras de realizar ações afetivo-discursivas. Os dois primeiros parágrafos da coluna de Ruy Castro (2016) na Folha de S. Paulo mostram outras possibilidades de realização dessas ações.

Segundo a Novilíngua, ‘golpista’ é qualquer pessoa favorável ao impedimento de Dilma Rousseff. Não importa o passado político desse cidadão — se sofreu na ditadura, perdeu empregos e viu sua família ameaçada; se conspirou, foi processado, cumpriu sentença e teve os direitos cassados; ou se pegou em armas, foi preso, torturado, banido ou exilado. Enfim, mesmo que seu currículo dê de dez no dos que o acusam, ele será um ‘golpista’. As palavras perderam seus conteúdos, tornaram-se signos ociosos.

‘Fascista’ também está nessa categoria. É um insulto típico das ditaduras, inclusive as de direita, nas quais é substituído por seu sinônimo, ‘comunista’. Nas últimas semanas, fascistas são todos aqueles que não partilhem as opiniões políticas de manifestantes muito jovens gritando em uníssono. Mas, se chamados a definir o termo e suas contingências, esses manifestantes, na maioria, teriam de repetir o ano (p. 01).

O autor (2016) apresenta-se como um expectador que assiste impressionado, espantado, a alteração da realidade brasileira produzida por aquilo que ele chama de “Novilíngua” utilizada por aqueles que são contrários ao impedimento de Dilma Rousseff. O termo Novilíngua, como se sabe, nomeia o idioma fictício criado pelo governo totalitário retratado na obra de George Orwell (1949). Ou seja, ele estava falando de comunismo e Rui Castro ao usar o termo em questão está aproximando o discurso dos defensores da presidente Dilma do discurso dos regimes totalitários do chamado socialismo real. O seu texto é construído para disseminar esse sentimento de espanto, apreensão, que ele não nomeia mas constrói com seu relato, para os seus leitores. No segundo parágrafo, a emoção do adversário ideológico do autor (os partidários da

presidente) fica em primeiro plano. Ele deixa de ser simplesmente o ator coletivo que altera de maneira fantástica a realidade e passa a ser o ator coletivo que grita em “uníssonos” contra aqueles que eles denominam de fascistas por discordarem de suas opiniões. No texto de Ruy Castro (2016), o ator coletivo que grita em uníssonos é alguém sob o domínio do ódio, do rancor, da raiva.

Olhando os parágrafos do texto de Castro (2016), a partir de Wetherell (2012), pode-se dizer que ele realiza ações afetivo-discursivas sem usar atos de fala de primeira pessoa (“eu estou espantado”) ou de terceira pessoa (“eles estão com ódio de nós”). Para Wetherell (2012), a realização de ações afetivo-discursivas por meio de atos de fala de primeira e de segunda pessoa é bastante raro na fala cotidiana e é mais comum em situações sociais muito específicas como salas de audiência, psicoterapias, etc. Nas conversas e textos produzidos em outras situações que não essas as ações afetivo-discursivas são realizadas por meio de relatos avaliativos sobre pessoas, grupos ou eventos (tal como o realizado por Ruy Castro acima). O afeto emerge, torna-se significativo, é negociado e avaliado em relações intersubjetivas e essas relações o transportam possibilitam a sua circulação. O afeto é, portanto, um evento social e as atividades dialógico-discursivas envolvidas em sua produção e circulação devem vir para a linha de frente dos estudos que o investigam.

Levando-se em conta o papel central do discurso afetivo no conflito político brasileiro atual, este trabalho tem por objetivo geral compreender os processos discursivos que possibilitam a construção e a circulação do ódio em relatos de simpatizantes e militantes do petismo e do antipetismo na internet. Os objetivos específicos são os seguintes: Examinar as diferentes estratégias retórico-discursivas utilizadas por esses grupos para construir e intensificar o ódio contra o adversário no campo político e comparar os dois grupos no que diz respeito à intensidade das ações afetivo-discursivas que disseminam o ódio ao adversário neste meio.

Estudar essa polarização política tendo como foco o modo como o ódio, esse afeto tão poderoso na política, está se disseminando por meio de ações afetivo-discursivas dos diferentes atores envolvidos é relevante tanto academicamente quanto socialmente. Socialmente porque contribuirá, ainda que modestamente, para uma maior compreensão de um conflito que pode ter impactos profundos na vida social e política do Brasil. Em termos acadêmicos o trabalho é relevante porque se conecta com um conjunto de pesquisas nas ciências sociais nas últimas duas décadas que se voltaram com renovado interesse para a questão do papel dos afetos na vida social (WETHERELL, 2012).

METODOLOGIA

Material Discursivo

Trata-se de uma pesquisa qualitativa que utilizou o método de análise de discurso, desenvolvido pelos teóricos da Psicologia Social Discursiva (BILLIG, 1987, 1991; POTTER; WETHERELL, 1987; WETHERELL; POTTER, 1992; POTTER, 1998; EDWARDS, 1999; WETHERELL, 2012).

Para alcançar os objetivos deste projeto, foram analisados os comentários produzidos em resposta às postagens do blog do jornalista Reinaldo Azevedo e do site “Conversa Afiada” do jornalista Paulo Henrique Amorim. O primeiro é frequentado por militantes de direita e combatentes do petismo; o segundo é frequentado por militantes e simpatizantes do PT. Foi utilizado material discursivo já coletado para pesquisas de iniciação científica que tinham por objetivo investigar a construção da identidade dos dois grupos políticos em relatos de seus militantes na internet. Foram analisados 281 comentários coletados, nos dias 28 e 29 de agosto 2015, no blog do jornalista Reinaldo Azevedo e 128 comentários coletados no site do jornalista Paulo Henrique Amorim, nos dias 01 e 02 de outubro de 2015, totalizando uma amostra de 409 comentários.

Codificação e Análise

Os conteúdos selecionados foram lidos atentamente, passo indispensável para a codificação e a análise. A leitura, a codificação e a análise foram necessariamente guiadas pelas questões de pesquisa. A codificação, no método de análise de discurso desenvolvido pela Psicologia Social Discursiva, é uma análise preliminar que tem por objetivo organizar as categorias produzidas pelas questões de pesquisa para uma análise mais minuciosa, uma análise atenta aos detalhes do discurso (POTTER; WETHERELL, 1987; GILL, 2002). Nesse método de análise uma atenção especial é dispensada à função do discurso, às ações que ele realiza (POTTER; WETHERELL, 1987; GILL, 2002).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As mudanças históricas que ocorreram no Ocidente, após uma série de conflitos globais como as duas guerras mundiais, o apogeu da união soviética, a guerra fria, a guerra do Golfo, o ataque às torres gêmeas, etc., fomentaram o crescimento da chamada retórica do mal, que cresceu rapidamente nos últimos cem anos (TENÓRIO, 2004).

Nesse contexto, o outro é representado frequentemente com o uso de imagens de doença e contaminação com poderes para se disseminar por toda a sociedade e quem assim o representa, se posiciona como a solução para salvar o organismo social enfermo em razão da doença disseminada por esse outro perverso (TENÓRIO, 2004). Entretanto, esta representação não acontece somente por este viés. O outro também pode ser representado de maneiras diferentes, a exemplo da personificação do adversário em uma figura bestial, sobrenaturalmente maligna.

No Brasil, os conflitos políticos dos últimos quatro anos, cujo apogeu se deu após a vitória acirrada nas urnas da candidata Dilma Rousseff do Partido dos Trabalhadores (PT), alimentaram um sentimento forte de “nós” e “eles” na população. Essa característica demarca uma forte polarização entre os “petistas” e “antipetistas”, “esquerda” e “direita”, “petralhas” e “coxinhas” etc., termos recorrentemente utilizados para categorizar os atores políticos de cada lado.

Nesse contexto de polarização extrema, a retórica política dos grupos em disputa, se caracteriza por construir o outro como uma figura essencialmente maligna.

O Outro enquanto Doença

No ocidente a representação do outro como maligno é muito comum no debate político. Entre as diversas formas de construir a malignidade no imaginário popular, encontra-se a ideia do outro (seja ele um grupo ou uma pessoa), como uma doença nociva e incurável que pode contaminar todo o corpo social. Esse discurso não é próprio de um determinado grupo político; é usado por diferentes grupos políticos em contexto de conflito. Em diversos momentos da história da humanidade, em episódios como o Apartheid na África do Sul e a perseguição aos judeus por Adolf Hitler, discursos de natureza eugênica foram utilizados para caracterizar grupos humanos e dividi-los entre aptos e não aptos, superiores e inferiores, justificando a perseguição e o ódio a esses grupos.

A metáfora do outro como doença é apresentada por Tenorio (2004) como uma das mais utilizadas no discurso que constrói a malignidade no campo político. Servindo-se dessa metáfora simples, fácil e convincente, os políticos no ocidente legitimam o discurso de extinção de seus adversários políticos.

Em 1942, Reinhard Heydrich, Chefe do Serviço de Inteligência da SS, usou uma metáfora para descrever o ditador brutal que é muito útil na política porque é fácil de entender e eficaz. Segundo ele, "o Führer se vê... Como exterminador de bactérias fatais para salvar o organismo" (Heydrich, 1999, p. 208). Do seu ponto de vista, a Alemanha não era um organismo saudável; E a fonte da infecção, daquelas "doenças, eram as bactérias "(isto é, os judeus) que um médico deve exterminar e, de fato, foi exterminado a fim de salvar a nação (TENORIO, 2004).

Abaixo, alguns exemplos da construção do outro como uma doença que ameaça o corpo social em textos de antipetistas e petistas.

(...) Esse câncer cresce a todo dia e tem fome por nosso sangue. Já é metastático e está impossível sustenta-lo. Temos que extirpa-lo para que o Brasil possa deixar de ser um feudo desses caras, e torna-lo verdadeiramente democrático (PAULO ROBERTO ANDRADE – 28/08/2015)

Acho que o doente (governo), vai morrer sangrando, pois não haverá transfusão. O Brasil não está doente, tirando do seu corpo os parasitas, segue em frente!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!! (HÉLIO – 28/08/2015)

A globo é o verdadeiro cancer maligno a ser extirpado do nosso país! (JJ, 01/10/2015)

O PIG (partido da imprensa golpista) é como infecção , só sobrevive na doença ! (PEDRO SÍLVIO CUNHA- 02/10/2015)

Esses textos, os dois primeiros de antipetistas e os dois últimos de petistas, apresentam a lógica discursiva descrita anteriormente por Tenório (2004), na qual se fala de um outro, representado metaforicamente com o uso de termos como “câncer”, “parasitas”, “infecção”, que deve ser erradicado por prejudicar a boa saúde do corpo social.

Sabe-se que a metáfora é um artifício retórico utilizado no discurso político de forma bastante eficaz. De acordo com Vereza (2010), a metáfora não se reduz apenas a um recurso linguístico ou discursivo, é acima de tudo um recurso cognitivo que tem por característica uma superposição de uma experiência já incorporada e determinada linguisticamente por outra experiência a ser mapeada pelo pensamento e linguagem, ou seja, a metáfora é vista dentro de um processo conceitual/cognitivo, no qual as experiências são elaboradas cognitivamente a partir de outras já existentes no nível conceitual. De maneira mais geral, a metáfora funcionaria

por meio de um deslocamento de sentido de determinado ponto a outro, o que Mendes (2010, apud VEREZA, 2010, p. 200) vai denominar de “transporte de sentido”. É possível enxergar isto na análise, quando os comentaristas fazem uso da palavra “câncer”: “Esse câncer cresce a todo dia e tem fome por nosso sangue”. Nesta frase, se desloca o sentido do que socialmente se entende por “câncer”, uma doença maligna caracterizada pelo crescimento desordenado de células, sendo necessária sua extinção para que o corpo não padeça, para representar o suposto estado da sociedade brasileira sob o domínio do Partido dos Trabalhadores. Também acontece no trecho onde petistas se referem à Rede Globo de Televisão: “A globo é o verdadeiro câncer maligno a ser extirpado no nosso país”.

Nesse sentido, os textos acima, explicitamente ou implicitamente, sugerem, por meio do uso da metáfora, que apenas pelo desaparecimento do outro (que tem pensamento ideológico contrário) se pode recuperar a saúde do corpo social. De acordo com Tenório (2004), Hitler por diversas vezes se apresentou enquanto médico de uma Alemanha Nazista infestada de parasitas, que, para ele, seriam a causa da doença e das mazelas que acometeram o povo alemão durante aquele período. Ele se apresentava como alguém preparado para cuidar da “saúde” do seu país, tal como um médico no enfrentamento da patologia. Utilizando dessa estratégia, Hitler conseguiu construir a imagem do estrangeiro como algo contaminante, patológico e maligno. Esta mesma estratégia também é seguida no segundo comentário, tendo em vista que nele se considera que a partir da aniquilação dos “parasitas”, (os petistas), o país se recuperaria da doença causada por eles e seguiria em frente. O posicionamento do adversário político como um parasita é recorrente no discurso político.

No Discurso do Estado da União, George W. Bush (2002) declarou que sua ‘esperança era que todas as nações atendessem a nossa chamada e eliminassem os parasitas terroristas’. Os parasitas são pequenos animais ou plantas que vivem dentro de um animal ou planta maior de onde obtêm seus alimentos. Estes podem causar doenças diferentes que podem resultar na morte de seus reféns. Portanto, sua erradicação é, uma vez mais, evidentemente obrigatória. O mal não é apenas associado à doença em si, mas também a algumas de suas consequências (TENORIO, 2004, p. 21).

A mesma lógica metafórica eugênica se aplica ao termo infecção. O quarto comentário, de um simpatizante do petismo, apresenta a grande imprensa brasileira (tida como golpista pelos petistas) como uma infecção cuja sobrevivência depende do adoecimento do corpo social. Algumas vezes, exclusivamente nos comentários dos antipetistas, o outro não é a doença, o outro é doente. Nesses comentários não se fala de um doente do corpo, mas sim de um ser essencialmente psicopatológico.

Não dá para acreditar que sejam tão estupidamente sem juízo a este ponto! É um imposto inflacionário! Falta de competência, falta de bom senso! O Brasil está sendo governado por um bando de loucos! Em tempo... Loucos e Corruptos! PT é a pior coisa nunca antes vista na história (JOAQUIM, 28/08/2015)

Prezado Reinaldo. Me permita discordar da sua avaliação. Quando Lula, depois de tudo o que se sabe sobre Mensalão, Lava Jato etc., ainda aparece com intenção de voto para quase 30% dos brasileiros, – o que me parece um absurdo, – é sinal que o molusco ainda mexe. Com marketada do Santana ainda se reeleger e, 2018, se a Dilma não for apeada do governo. Tudo por culpa do PSDB e do FHC que resolveu depois de falar na renúncia da Dilma (que se sabe nunca ocorrerá, ela só sai na marra) voltar outra vez atrás e o Aécio, em vez de apoiar as ruas, vai atrás da sua covardia do FHC. AGORA é o momento do PSDB avançar e deixar de ter medo dos psicopatas dos PTralhas. Se não o fizerem agora, vamos estar mal e perder esta oportunidade de ouro (JOSÉ COSTA, 28/08/2015)

Sem dúvida, tal discurso, que psicopatologiza o pensamento político de esquerda, é constituído em parte pelo discurso da direita norte-americana atual, grande influenciadora do pensamento da direita conservadora no Brasil. De acordo com Delcourt (2016), o TeaParty, movimento político de extrema direita dos Estados Unidos, tem como uma de suas características centrais a tendência para apontar traços psicopatológicos no pensamento de esquerda. Passos (2017) afirma que a patologização das ideias comunistas é uma das estratégias mais eficazes utilizadas nas produções anticomunistas para remeter o comunismo a uma doença que necessita ser erradicada. Tal pensamento teve grande força no período anterior ao golpe militar no Brasil, em meados dos anos 60. No entanto, a literatura não faz menção a atribuição de características psicopatológicas ao pensamento de esquerda na época, o que indica a possibilidade de que esta construção discursiva seja recente e influenciada pela presença recorrente desta estratégia discursiva na atual extrema direita estadunidense.

O Outro como Representante do Mal Sobrenatural

De acordo com Tenório (2004, p. 17), o mal representado na figura de satanás, que também pode ser entendido como diabo, monstro, tirano, demônio, inimigo, ou seja, como um ser bestial e sobrenatural, se representa maciçamente na retórica discursiva de muitos dos políticos contemporâneos, a exemplo de Ronald Reagan, que se referia a União Soviética e seus aliados como um “império do mal”.

Tendo isto em vista, torna-se claro que outra forma de constituir a maldade é caracterizar o outro enquanto ser maligno, demoníaco, destituído do que é humano, a partir de um discurso que se faz concreto pela evocação da imagem da besta, também chamada de satanás, representante direto das forças do mal no imaginário popular, em especial, cristão.

Para Condor et.al. (2013, p. 2) “O tema da retórica política diz respeito às estratégias utilizadas para construir argumentos persuasivos em debates públicos formais e em disputas políticas cotidianas”, então, representar cotidianamente o outro na figura de um mal abominável e temerário se faz bastante eficaz na luta política.

Os setores de direita são amplamente influenciados pela presença de uma moral cristã conservadora e tradicional. Sendo assim, por diversas vezes se caracteriza aquele que é o outro do grupo político como uma entidade transcendental, intrinsecamente maligna, sendo suas ações passíveis de julgamento divino em uma batalha entre nós e eles, caracterizada como uma luta entre bem e mal, trevas e luz, numa visão maniqueísta do mundo, onde o outro se faz representar pelas sombras. De acordo com Vidal (2013), para o conservadorismo norte-americano:

A sociedade ‘aberta’ estaria plantando as sementes para o totalitarismo, já que esse aconteceria a partir de uma rejeição a Deus e, por conseguinte, uma rejeição a qualquer autoridade nas instituições humanas, tais como família, igreja e mercado. Assim, para uma sociedade ser ‘livre’, efetivamente, ela requereria tradição Cristã no âmbito social e hierarquias no âmbito econômico. Associando religião, política e economia, Buckley Jr. argumenta que: ‘the duel between Christianity and atheism is the most important in the world’. I further believe that the struggle between individualism and collectivism is the same struggle reproduced on another level (p. 14)

No material discursivo analisado aqui, somente os antipetistas retrataram o adversário político como representante na terra de um mal de origem sobrenatural. Os dois comentários abaixo são exemplos desse tipo de estratégia.

Caro Reinaldo, como bem se expressou Isaac C. Rottemnberg, escritor judeu sobrevivente do holocausto nazista, pastor evangélico, defensor de uma aproximação entre o catolicismo, protestantismo e judaísmo, falecido em 2010: ‘Ao fim, tudo se resume a uma batalha cósmica entre as forças do bem e as forças do mal’. Receio que as forças do PT não estão alinhadas com as forças do bem (M.S, 28/08/2015)

[...] o DIABO de DILMA / LULA / PT, é o mesmo DIABO/SATANÁS que tentou JESUS no DESERTO mas JESUS O VENCEU, é o mesmo DIABO que ‘insiste’ no COMUNISMO MARXISTA (A MARINISTA Q AMA OS PETISTAS Q AMA OS PSOLISTAS, 28/08/2015).

Muitos dos comentários presentes no material analisado são diretamente norteados por uma doutrina essencialmente cristã, e quando representam o mal o personificam por meio da figura do demônio. Entretanto, o primeiro comentário foge a esta regra, pois não usa a figura do demônio para personificar o mal. A luta se dá entre as “forças do bem” e as “forças do mal” e o autor do comentário sugere que o PT está alinhado com as forças do mal: “receio que as forças do PT não estão alinhadas com as forças do bem”. Há algo nesse comentário que o diferencia de todos os comentários analisados nos dois grupos. Num contexto em que todos os autores dos comentários constroem as afirmações (invariavelmente negativas) sobre o adversário político como fatos inquestionáveis (POTTER, 1998, para uma discussão sobre a construção discursiva de relatos factuais), o autor (1998) desse comentário adota um tom dubitativo. Ele “receia” que o PT não esteja alinhado com as forças do bem.

O segundo comentário, além de personificar o mal na figura do diabo, o faz destacando também o comunismo e o pensamento de esquerda. Diversos papas ao longo da história católica condenaram a ideologia comunista como ateia e subversiva. Nas palavras do papa Leão XIII (1878), na encíclica “*Quod Apostolici Muneris*”, o comunismo seria uma “peste mortífera, que invade a medula da sociedade humana e a conduz a um perigo extremo”. Como reflexo dessas duras críticas e posições firmes, no imaginário conservador, dissemina-se uma visão do comunismo na qual ele é apresentado como uma seita demoníaca.

O demônio, encarnação do mal, desde o início dos tempos (pecado original) vinha tentando o homem e provocando perturbações para enfraquecer as forças do bem, capitaneadas pela Igreja de Deus. A provação final seria o comunismo, última artimanha engendrada pelo “antigo tentador” para desviar o homem do bom caminho (SÁ MOTTA, 2002, p. 74).

O Que Fazer com o Adversário/Inimigo

A crise política brasileira, que se inicia em 2013 e se acentua após a eleição de 2014, parece ter relação com o modo como a direita tem atuado nos últimos anos no país. As análises existentes destes fenômenos, apontam para uma polarização assimétrica entre direita e esquerda no Brasil, semelhante a existente nos Estados Unidos. Pode-se observar que, apesar da polarização acontecer em ambas as posições no espectro político, a direita se faz bem mais radicalizada que a esquerda. De acordo com Delcort (2016), como o TeaParty, nos EUA, esta nova direita militante tende a privilegiar uma estratégia de oposição assimétrica no debate democrático, sendo esta uma das lições a se tirarem das manifestações de 2013. Quem as iniciou

(coletivos como o movimento passe livre), jamais poderia imaginar no que estas mobilizações, (de início, com pretensões progressistas), despertariam: uma nova direita, reacionária e mobilizada. O filósofo Paulo Eduardo Arantes (2014) afirma em entrevista que o “surto de impaciência” revelado pelas manifestações de junho de 2013 provocou um surto simétrico e antagônico que é o surgimento de uma nova direita, um dos fenômenos mais importantes do Brasil contemporâneo. Uma direita não tradicional, que não está contemplada pelos esquemas tradicionais da política.

Para este autor (2014), ambas as ideologias possuem formas diferentes de lidar com o outro. A direita brasileira não está interessada em negociar, demonstrando traços latentes de agressividade em sua retórica, apresentando-se mais radicalmente imbuída no processo de demonstrar seu descontentamento para com o que se instaura no cenário político, não abrindo brechas para pensar novas formas de coalizão com o campo político antagônico. Já a esquerda atua mais na defensiva, numa tentativa de contemporizar, permanecer e defender políticas públicas já estabelecidas. Em síntese, os grupos de direita estão em um processo de imposição de pautas e de discursos mais agressivos, enquanto que a esquerda se mantém na defensiva.

Nos comentários dos simpatizantes dos dois grupos políticos foi possível identificar que a agressividade recorrente na construção da identidade dos adversários repete-se, especialmente no caso da direita, quando falam sobre o que fazer com eles, os adversários, adversários esses que, nesse contexto, são compreendidos e construídos como inimigos.

O que chama atenção no discurso dos antipetistas, corroborando a ideia de uma polarização assimétrica, é a clareza com que se propõe eliminar a ação do adversário no campo político e na vida social como um todo. Essa eliminação da ação do adversário é representada de diferentes maneiras, às vezes num mesmo comentário.

Temos que mandar essa assaltante de banco para atrás das grades, ficou difícil roubar das estatais que já estão exauridas com tanta roubalheira, delas ficou praticamente inviável tirar os pixulecos. [...] Esse câncer cresce a todo dia e tem fome por nosso sangue. Já é metastático e está impossível sustenta-lo. Temos que extirpa-lo para que o Brasil possa deixar de ser um feudo desses caras, e torna-lo verdadeiramente democrático. Precisamos passar o Brasil a limpo, inclusive com nova constituição que impeça o crescimento do estado proibindo a criação de estatais [...] (PAULO ROBERTO ANDRADE, 28/08/2015)

[...] SOCORRO! Precisamos, ALÉM de “enjaular” o ANIMAL, IMPICHAR a DILMANTA e o PIMENTEL (SE TIVERMOS SORTE....) (PT – NÃO PASSARÃO, 28/08/2015).

O socialismo governa mesmo é para os banqueiros. O lucro dos bancos é ímpar com muitos zeros a faltar. Não sei quem é o maior dos vampiros, ou o

pt e a hipnose da oposição (existe oposição? ou seria pq não existe que lula arrota ameaças de ir contra ela? com seu fhc sempre apaziguando o petismo, resquícios de antigamente, antes da fundação do foro?) Quero mesmo saber quem será o Van Helsink que fatalmente terá cruz de prata e os dispositivos para acabar com esta máfia de sanguessugas. Também acho surreal acreditarem que a dona não sei de nada dilma, errou simplesmente por ser péssima gerente, pois tudo afinal se tratava mesmo era de acabar com o Brasil..custe o que custar, as evidencias reversas ao discurso estão todos enfileiradas ai. A agenda do foro sempre foi essa. Boa Noite seu Reinaldo (LIA, 28/08/2015).

A globo é o verdadeiro câncer maligno a ser extirpado do nosso país! (JJ, 01/10/2015)

Os trechos selecionados acima são extremamente agressivos, usam de maneira inequívoca um conjunto de metáforas que remetem à segregação e à eliminação do outro. O convívio com o outro, que tem uma ideologia contrária, é apresentado como impossível, por isso é necessário que ele não possa agir. Para anular a ação do adversário, pode-se encarcerá-lo (“mandar esta assaltante de banco para trás das grades”; “enjaular o animal”) ou mesmo exterminá-lo (“temos que extirpa-lo para que o Brasil possa deixar de ser um feudo desses caras”; “acabar com esta máfia de sanguessugas”). Há que se destacar que termos como esses foram recorrentes nos discursos dos antipetistas, já entre os petistas a única frase que menciona a eliminação do outro, ainda que metaforicamente, é a supracitada. Resultados semelhantes foram identificados por Delcourt (2016). Esse autor afirma que a direita, em suas intervenções políticas e em seus atos públicos, pretende, antes de tudo, atacar, ferir, desacreditar e deslegitimar o adversário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise executada neste trabalho procurou compreender os processos discursivos que possibilitam a construção e circulação do ódio na internet, a partir dos comentários de petistas e antipetistas. Com base na comparação da retórica desses militantes, pode-se concluir que são várias as estratégias utilizadas para construir e intensificar o ódio contra o antagonista político.

Observou-se que os militantes dos dois grupos, utilizando diversos artifícios retóricos, constroem uma identidade para o antagonista em que a malignidade aparece como um atributo central. O antagonista em alguns momentos é uma doença que ameaça a existência do corpo social, em outros é um grupo composto por indivíduos doentes, psicopatológicos, em outros é a personificação de forças malignas de caráter sobrenatural. O antagonista é representado como

forte ameaça à sobrevivência ideológica dos militantes dos dois grupos, e, principalmente no discurso dos militantes do antipetismo, deve ser impedido de atuar no espaço político, por meio da segregação ou da eliminação. O discurso mais agressivo dos antipetistas apoia a tese da polarização assimétrica, segundo a qual a direita brasileira estaria na ofensiva e a esquerda na defensiva.

Acredita-se que este trabalho contribui para compreender a retórica usada por esses militantes para intensificar e disseminar o ódio contra o adversário político num cenário de forte polarização e intolerância. É necessário evidenciar, entretanto, que este conflito atualmente possui outras nuances em desenvolvimento, fazendo-se necessários novas pesquisas e estudos empíricos para a construção do saber acerca destas questões. Portanto, outros estudos, em diferentes contextos e com metodologias diversas se fazem necessários para uma compreensão holística sobre o atual momento político no qual se encontra o Brasil.

REFERÊNCIAS

ARANTES, P. E. Nova direita surgiu após junho, diz filósofo: depoimento. Entrevista concedida a Eleanora de Lucena. **Folha de São Paulo**, 31 de outubro de 2014. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2014/10/1541085-nova-direita-surgiu-apos-junho-diz-filosofo.shtml>>. Acesso em: 25 de abril de 2018.

BILLIG, M. **Arguing and Thinking**: A Rhetorical approach to social psychology. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

BILLIG, M. **Ideology and opinions**. London: Sage Publications, 1991.

BRUGNAGO, F.; CHAIA, V. A nova polarização política nas eleições de 2014: radicalização ideológica da direita no mundo contemporâneo do facebook. **Aurora: revista de arte, mídia e política**, São Paulo, v. 7, n. 21, p. 99 - 129, 2015.

CASTRO, R. Clichês. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 20 de maio de 2016. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/ruycastro/2016/05/1773191-cliches.shtml>>. Acesso em: 25 de abril de 2018.

CONDOR, S.; TILEAGA, C. and BILLIG, M. **Political rhetoric**. IN: Huddy, L., Sears, D.O. and Levy, J.S. (eds.) *Oxford Handbook of Political Psychology*. Oxford: Oxford University Press, Chapter 9, p. 262-300, 2013.

MENDONÇA, D. **Como olhar "o político" a partir da teoria do discurso**. *Revista Brasileira de Ciência Política*, v. 1, p. 153, 2009.

DEL COURT, L. Um *TeaParty* tropical: a ascensão de uma “nova direita” no Brasil. **Lutas Sociais**, São Paulo, v. 20 n. 36, p.126-139, 2016.

EDWARDS, D. Emotion discourse. **Culture & Psychology**, V. 5, n. 3, p. 271-291, 1999.

GILL, R. Análise de discurso. In: Bauer, M. W.; Garskell, G. (Orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Rio de Janeiro: Vozes, p.244-269, 2002.

LEÃO XIII. Carta encíclica **Quod Apostolici Muneris** – sobre o socialismo. Cidade do Vaticano, 1878. Disponível em: < https://w2.vatican.va/content/leo-xiii/en/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_28121878_quod-apostolici-muneris.html> Acesso em 20/02/2017.

MARTINEZ JUNIOR, B.A.; SELEPAK, A. O som do ódio: explorando o uso das letras da música *hatecore* como estratégia de recrutamento pelo Movimento Força Branca. **Intercom-RBCC**, v. 37, n.2, p.153 - 175, 2014.

NOGUEIRA, P. O Brasil criado pela mídia: ódio contra ódio. Jundiaí, 23 abr. 2016. Disponível em: <<http://caviarquerda.blogspot.com.br/2016/04/o-brasil-criado-pela-midia-odio-contra.html>>. Acesso em: 22 maio 2018.

PASSOS, P. **Vozes a favor do golpe!** O discurso anticomunista do Ipês como materialidade de um projeto de classe. 1 ed. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2017.

POTTER, J.; WETHERELL, M. **Discourse and Social Psychology: Beyond Attitudes and Behaviour**. London: Sage, 1987.

POTTER, J. **La representación de la realidad: Discurso, retórica y construcción social**. Barcelona: Paidós, 1998.

SÁ MOTTA, R.P. **Em guarda contra o perigo vermelho**: o anticomunismo no Brasil (1917-1964). São Paulo: Perspectiva, 2002.

SANTOS, M.A. Cartografias das redes da revolta: fluxos políticos de oposição radical no Facebook. **Contemporânea**, v. 12, n. 12, p. 106-120, 2014

TENORIO, E.H. The Discourse of Good and Evil. In: Keen, D.E.; Keen, P.R. (Ed.). **Considering Evil and Human Wickedness**. 2004.

VEREZA, S. C. O lócus da metáfora: Linguagem, pensamento e discurso. **Cadernos de Letras da UFF** – Dossiê: Letras e cognição n. 41, p. 199-212, 2010.

VIDAL, C. F. **A presença do conservadorismo no Partido Republicano Norte-Americano**. 2013. 54 p. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2013.

WETHERELL, M.; POTTER, J. **Mapping the language of racism: discourse and the legitimization of exploitation**. Hemel Hempstead: Harvester Wheat Sheaf, 1992.

WETHERELL, M. **Affect and emotion: a new social science understanding**. London: Sage, 2012.